

UM CAPIXABA

ALEXANDRE RIBONDI REALIZOU O SONHO DO PAI E O PRÓPRIO SONHO. E PRODUZ UMA INSPIRADORA MISTURA

11 MIL
CAPIXABAS
MORAM
NO DF

ANA CLARA BRANT

DA EQUIPE DO CORREIO

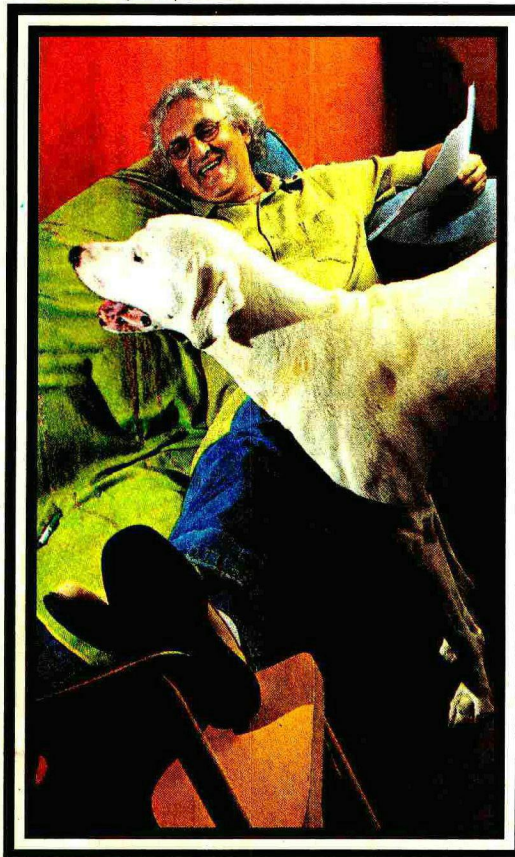
O ano de 1968 foi emblemático na história do mundo, do Brasil e do então adolescente Alexandre Ribondi. O pai, Firmino Ribondi, um imigrante que trocou a Itália pelo Espírito Santo, estava fascinado com a recém-criada capital brasileira, mesmo não a conhecendo pessoalmente. Foi então que decidiu mandar o filho de 15 anos para morar em Brasília em busca de novas oportunidades. "Ele achou lindo essa história de construir uma cidade no meio do nada e ser a capital do país. Não teve dúvidas e mandou eu e meu irmão para cá", conta o hoje ator, diretor, dramaturgo e jornalista Alexandre Ribondi, de 55 anos.

Quando a cidade foi inaugurada, em 1960, e Ribondi, apenas um menino de 7 anos, Brasília era uma cidade "com prédios de vidro e calçadas rolantes". Logo que chegou, a realidade do Planalto não foi tão encantadora como na imaginação de uma criança, mas não deixou de emocioná-lo. "Quando desci na Rodoviária e vi pela primeira vez o prédio do Congresso, fiquei muito emocionado. Eu me lembro até de estar tocando uma canção dentro do ônibus exaltando que Brasília era a capital da esperança. Tudo aquilo me encantou de cara", recorda.

Ao chegar ao colégio, outra surpresa. Logo, a professora perguntou sua origem. Para espanto geral da turma, Ribondi não titubeou: "Sou do Espírito Santo". E os colegas retrucaram: "Nossa, existe gente lá?". "Para quem morava no Centro-Oeste, pois a maioria dos meus colegas era de Goiás, realmente era muito estranho alguém ser do Espírito Santo. Muita gente não conhecia", declara entre risos.

No entanto, Alexandre Ribondi estava disposto a tirar o seu estado do anonimato. Em Brasília, logo enveredou-se pelo teatro, como ator, diretor e autor de várias peças, sendo que boa parte delas com referências à terra natal. "O capixaba é muito reservado, discreto, então você não vê muita coisa do estado por aí e aqui em Brasília não é diferente. O Espírito Santo é um estado de formação muito recente. Não temos muita tradição, muitas coisas típicas. Temos muita influência da Itália, Alemanha. O capixaba é agregador, mas muito discreto. A gente não sai por aí cantando as glórias do estado e nem fica alardeando que nasceu lá. É diferente dos

Cristiano Mariz/Especial para o CB



baianos, por exemplo. Todo mundo sabe que Caetano Veloso é da Bahia. Mas os capixabas não. Pessoas de renome nacional são capixabas e pouca gente sabe. Roberto Carlos, Nara e Danuza Leão, Rubem Braga, Stênio Garcia. Brinco que o Espírito Santo é um estado tão mediano que sua capital deveria se chamar Empate e não Vitória", diz.

Brincadeiras à parte, o fato é que Ribondi revela que, infelizmente, não há muita influência capixaba na capital federal, como restaurantes ou festas típicas, até porque não são muitos os conterrâneos por aqui. Mas quando eles se esbarram, Ribondi garante que se torna uma grande festa. "A gente encontra capixabas acidentalmente por aqui. E quando nos reunimos, gostamos de comer moqueca para matar a saudade. É o estado que tem o melhor peixe, a melhor moqueca. Eu sempre digo que moqueca é capixaba, o resto é peixada. Eu mesmo sei preparar uma muito bem", assegura.

Realmente, a cozinha do ator e diretor teatral tem características bem "espírito-santenses". O pote de urucum para dar tempero e cor aos pra-

"MESMOTENDO O MAIOR ORGULHO DA MINHA 'CAPIXABICE', ADORO VIVER EM BRASÍLIA. ESSA COISA DE TER GENTE DE TODO CANTO, DE SE ENCONTRAR E FAZER UMA GRANDE FESTA. AQUI A GENTE APRENDE A GOSTAR DAS DIFERENÇAS. É, SEM DÚVIDA, UMA CIDADE COM VOCAÇÃO PARA SER A CAPITAL DE TODOS OS BRASILEIROS"

tos, as panelas próprias para o preparo de peixe e bombons Garoto. "É outra coisa que gostamos de apreciar para matar saudades: um legítimo bombom Garoto. Não tem coisa melhor", assegura ele enquanto tenta distrair seu inseparável companheiro: o fiel amigo Negão Flecha de Lima, um dog alemão que, apesar de candango é quem manda na casa do capixaba. "Ele tem esse nome porque é chique", brinca.

Mas apesar de adorar exercer a sua "capixabice" como gosta de exaltar, Alexandre Ribondi afirma que o pai o fez muito bem quando o mandou para Brasília e que não tem vontade de voltar a morar no Espírito Santo. "Meu pai acertou em cheio quando me mandou para o Distrito Federal. Chegou a morar aqui e gostou muito também. Mesmo tendo o maior orgulho da minha 'capixabice', adoro viver em Brasília. Essa coisa de ter gente de todo canto, de se encontrar e fazer uma grande festa. Esse é o princípio da harmonia de Brasília. Aqui a gente aprende a gostar das diferenças. É sem dúvida uma cidade com vocação para ser a capital de todos os brasileiros", resume.